

Theologica Lusitana

O SALMO 126 E O TERCEIRO ÊXODO

No séc. XVI os judeus da Península viveram momentos de grande agitação e expectativa, as quais tinham raízes no magistério de Isaac Abravanel e na actividade de José Nassi, ambos figuras notáveis da comunidade israelita em Portugal. O primeiro gozou de grande influência no ânimo de D. Afonso V e nalguns nobres da Corte, nomeadamente o duque de Bragança; mas veio a cair em desgraça no tempo de D. João II, suspeito de cumplicidade na conjura contra o rei¹. Fugindo ao braço justiceiro do monarca, exilou-se para Espanha e mais tarde para Itália, tendo-se fixado em Veneza, onde faleceu em 1508. Antes, porém, vivera 8 anos em Nápoles, os mais fecundos do seu labor de exegeta de invulgares recursos².

A recordação dum passado de esplendor e fausto, em contraste com as privações de agora, traduziam-se num despeito cheio de rancor contra os soberanos de Portugal e Espanha, e geralmente contra a Cristandade, e num desejo feroz de vingança³. Dominado por este sentimento, reinterpretou os grandes Profetas da sua raça, em especial Daniel, onde não lhe foi difícil descobrir profetizada a iminência do reino messiânico. O «Quinto Império»

¹ Pensa J. LÚCIO DE AZEVEDO que foram essas amizades que lançaram a suspeição de D. João sobre Abravanel (cfr. *História dos Cristãos novos Portugueses*, Lisboa (1921), pg. 9) Ele seria um dos que afrontavam «com seu luxo e riquezas a penúria geral», razão por que era odiado pelo povo, como o declaram estes versos do Cancioneiro:

Estes são os do cuidar
sem o poderes negar
os mores oito senhores
.....
o quinto Abravanel
.....
e cuidam que é perdimento
quando cuidam que por cento
trinta é pouco ganhar.

(*Cancioneiro Geral*, nova edição, Coimbra 1910, I, 62-63).

² Cfr. vg J. E. I, 126-128; D. G. MAESO, *Manual de Historia de la Literatura Hebræa*, Madrid 1960, 582-585. Informações mais detalhadas na obra capital de B. NETANYAHU *Don Isaac Abravanel*, Filadélfia 1960, 2.^a ed.

³ Segundo Netanyahu, «revenge is the theme streversed most often in Abravanel's messianic writtings». A divisa do rabino era: «A vingança é própria das grandes almas» (o. c. 227).

— o império de Judá — inaugurar-se-ia em 1503, precisamente no cinquentenário da tomada de Constantinopla pelos Turcos ⁴.

Esta coincidência não vinha por acaso: Abravanel acomodava a misteriosa guerra de Gog e Magog a um embate inevitável entre Cristãos e Otomanos, que se destruiriam mutuamente, deixando campo livre ao aparecimento do messias de Judá, o qual estabeleceria neste mundo um império para os filhos de Israel, em que, segundo a literatura cabalística, o mal acabaria e os homens (judeus) seriam imortais ⁵.

As teorias de Abravanel, animadas pelo fervor dum caso pessoal convertido em agravo às crenças moisaicas e ao orgulho da raça escolhida, impressionaram os correligionários a braços com uma das tentações mais graves da sua história milenária: ou abandonar uma terra onde se davam maravilhosamente ou converter-se à fé de Cristo. Se acreditarmos nalguns historiadores, «Vingança!» seria o grito de guerra que se ouvia então nas judiarias de Portugal e Espanha ⁶, enquanto alguns mais habilidosos se esforçavam por apressar o confronto mortal entre Cristãos e Muçulmanos ⁷.

Mas o relógio da História — que é também o da Providência — não tem em conta as rotações do Planeta, e os anos iam passando arrelhiadoramente. Foi então que interveio o outro judeu português, o famoso José Nassi, sobrinho da famosíssima Dona Grácia Nassi ⁸. Espião qualificado do Grande Turco

⁴ Abravanel especulava com os «tempos» de Dn. 7,12. Além do ano de 1503, indicou ainda como data provável o ano de 1531, e como absolutamente certa a de 1573 (NETANYAHU o. c. 219 e 225).

⁵ Nas suas linhas gerais assim o acreditava o messianismo da Cabala (cfr. H. SEROUYA, *La Caballe...* Paris 1947, 2.^a ed. 101). Abravanel, porém, identificando Gog e Magog respectivamente com o Norte e o Sul, isto é, a Europa e a Turquia, interpretava o avanço do Crescente como colapso da Igreja, vencida em guerra apocalíptica (cfr. S. DRIVER et A. NEUBAUER, *The «Suffering Servant» of Isaiah according to Jewish Interpreters*. N. York 1969. 2.^a ed. 158).

A vitória dos Turcos seria demasiado cara e quem aproveitaria seria o Judaísmo que para tal, deveria astutamente alinhar ao lado das forças do Sultão.

⁶ Assim Netanyahu, o. c. 227. Mas há muito de exagero nesta notícia. Além dos que se adaptavam externamente às exigências da lei dos Reinos da Península, permanecendo judeus em «hábitos de cristão», número considerável, incluindo alguns rabinos, convertia-se ao Cristianismo e praticava-o sinceramente. São os próprios historiadores hebreus, como Abraão de Torrutiel, a certificar-nos que «muitos foram riscados do livro da vida, pois pecaram e fizeram pecar muitos», não obstante o exemplo em contrário de Abravanel «o mais nobre, o grande patrício, príncipe, sátrapa, o sábio perfeito, o rabi» (cfr. F. CANTERA, *El Libro de la Cabala de Abraham ben Salomon de Torrutiel*, trad. por (...), Salamanca 1928, 41).

⁷ Entre eles o famoso David Reubeni, que em nome de seu irmão José, soberano dum reino imaginário no deserto de Habor, propunha a D. João III e a Carlos V a libertação da Palestina do jugo otomano, contribuindo os Judeus com um exército de 300 mil homens (cfr. S. SCHWARZ, *O Sionismo no Reinado de D. João III*, em «Ver e Crer», Março de 1946, 101-115). A misteriosa embaixada, que teve bom acolhimento da parte do Rei Piedoso — facto que «revela um D. João III de feição ainda desconhecida, um monarca tolerante e favorável aos Judeus e cristãos novos» — visava um fim inconfessável: apressar o embate entre Cristãos e Otomanos. Assim opina Netanyahu: «There is no doubt that the appearance of Reubeni was built on a plan to hasten the arrival of the Messiah by provoking a war between Christendom and Turkey» (o. c. 254).

⁸ Grácia Nassi (ou Nasci ou Nasi), mulher de Francisco Mendes e cunhada de Diogo Mendes, judeus convertidos, que, de negociantes de pedras preciosas, se tornaram os banqueiros mais ricos da Europa. Depois da morte do marido, Grácia emigrou com outras pessoas de família, entre as quais o sobrinho José Nassi (ou João Miquez), que ganhou a confiança do

e por este agraciado com o ducado de Naxos, resolveu fundar nas margens do lago de Tiberíades um reino israelita que acomodasse os emigrados da Península e doutros países europeus e lançasse o germen do império judaico.

A bem dizer, o plano do opulento banqueiro mais não intentava que traduzir na prática, de feição mais realista e diplomática, as elucubrações de Abravanel, sem as excluir nem se lhes opor. E o facto é que José Nassi encontrou na pessoa dum funcionário seu — o nosso clássico Samuel Usque⁹ — um teorizador que pôs ao serviço dos planos do banqueiro toda a força mística e toda a sanha vingativa dos escritos de Abravanel, com largo acrescentamento duma exegese hagádica engenhosa e apropriada. Ele foi, com toda a certeza, o teólogo e o pregador do «terceiro êxodo», que, partindo da Península, demandava a Palestina através da Turquia, como os Hebreus do Egipto a atingiram através do deserto do Sinai.

O êxito não parece ter sido muito brilhante, porque os Judeus não se encontravam tão mal em terra lusa como às vezes se diz, e porque os entusiastas da vanguarda não deram com rios de leite, vinho, mel e bálsamo, antes se viram numa terra de «escassas possibilidades económicas»¹⁰, coberta de pedras e de areia¹¹.

Entretanto o duque de Naxos caía em desgraça, os bens foram-lhe confiscados, e com a sua morte morreu o seu sonho, que só em nossos dias se pôde concretizar. Foi, desta maneira, um precursor.

Mas, se a visão de José Nassi não se perdeu de todo, muito menos se perdeu o esforço de Samuel Usque. Quando mais não conseguira, o seu

Sultão (cfr C. ROTH, *The House of Nasi*, Filadelfia, 1947). Naturalmente, a graça do Sultão, que odiava os Judeus, teve os seus direitos de mercê. Por isso, o duque de Naxos organizou uma vasta rede de espionagem contra o Ocidente (cfr. A. ARCE, *Espionage y última aventura de José Nasi*, em «Sefarad», 13 (1953) 257-286).

⁹ Samuel viveu sempre na dependência de Dona Grácia, de quem se declara «feitura» (*Consolaçam*, prólogo). Ainda em 1565 se desempenhava de incumbências da opulenta dama na Turquia (cfr. A. GALANTE, *Deux Nouveaux Documents sur Dona Gracia Nassy*, em R E J. 65 (1913) 151-154). Da *Consolaçam* citamos a edição de MENDES dos REMÉDIOS, Coimbra 1906-1907.

¹⁰ E. ZOLLI, *L'Ebraismo*, Roma 1953, 95.

¹¹ Yosef Ha-KOEN, 'Emeq Ha-Bakha, ver. cast. de L. Pilar Tello, Madrid 1964, p. 250. A areia e as pedras poderiam servir para a reconstrução de Tiberíades, mas ofereciam fraco terreno para nelas se desenvolverem as amoreiras que José Nassi mandara ir de Espanha, para instalar no seu estado a indústria da seda. Samuel Usque reconhece que «a terra santa agora tão pobre está que a não querem vir seus filhos habitar» (*Consolaçam*, III, 67b) e confessa que «serão vinte mil almas as que são passadas fora dos termos da Europa a receber o jugo do judesmo». atribuindo tão escasso número aos «ameaços que o espiritual inimigo lhes faz, mostrando-lhes a extrema pobreza da Turquia que com o boca aberta os espera e o trabalhoso cativeiro dos Turcos e de mouros». Eram os que aparelhavam riquezas e «foram suas riquezas tropeço de sua maldade», e não se importavam de «ver a terra prometida a seus pais» (ib. 34b).

De Portugal não deve ter emigrado mais de vinte por cento da população judia. Por isso Icabó não se pode consolar da dor que sente «pelos outros que sua santíssima lei trocaram pela vida, durando até o presente dia na perseverância de seu erro e como membros revéis não querem inda encaixar-se no corpo de Israel, mas pelos enganosos viços das gentes andam vagando...» (*Consolaçam*, III, 47a). Com efeito, «nos anos que vão de 1520 a 1540 os cristãos novos contavam em Portugal com grandes firmas de comércio internacional... Por outro lado, os espíritos acomodaticios não faltaram, e assim começou um processo de fusão dos elementos de uma e outra origem» (J. Caro BAROJA, *Los Judios en la España Moderna y Contemporánea*, Madrid 1961, I, 203).

trabalho vale pela curiosa estrutura da sua tese e pela excelente versão que fez de parte notável da Bíblia hebraica ¹². A solidez do seu edifício teológico não vai por aí além, e algum travejamento não suporta que nele nos firmemos para uma análise objectiva. Aqui importa lembrar que o nosso rabino escrevia para os correligionários, habituados às especulações do Tamud em que acreditavam tanto ou mais que na Bíblia. Eles deviam aceitar de bom grado e sem reparos a identificação de uma extremidade da terra (Dt. 28,64) com o cabo Finisterra, pois desejavam que o fim ou «cabo de suas tribulações» estivesse em Portugal «que é dito o fim da terra (e de feito o é)» e em nosso país começasse o regresso à Palestina ¹³.

Se dermos crédito ao autor da *Consolaçam*, estas e outras subtilezas levantaram o ânimo do velho Icabo, que assim o declara, e se recolhe satisfeito a cantar com Numeu e Zacariahu ¹⁴ «uma das doces cantigas, daquelas que as antigas pastoras (de Israel), acareando seu gado, costumavam de cantar» ¹⁵.

A cantiga escolhida foi o salmo 126(125), vertido para bom português e vasado em decassílabos quase perfeitos, distribuídos por três oitavas de interessante esquema rimático.

Salmo ¹⁶

Quando nosso Senhor restituir
a Zião a sua antiga glória ¹⁷
cuidaremos que o bem não é de siso
e que estamos sonhando entre dia. ¹⁸
Mas depois que despertarmos a memória
e a verdadeira remissão se descobrir ¹⁹

¹² Samuel Usque deu «uma expressão literária magnífica, em português, à concepção judaica da História» (I. S. RÉVAH, em Dic. das Literaturas, portuguesa, galega e brasileira, p. 832).

¹³ Usque traduz duas vezes: «Lançar-te-á o Senhor em todos os povos de um cabo da terra té o fim da terra» (*Consolaçam*, III, 33a e 57a); mas noutra: «... de um cabo da terra té finis terrae». Em hebraico é em todos os casos *queqé ha-ares* (קצה הארץ).

¹⁴ Eis a apresentação dos dois personagens: «Sabe que eu sou o profeta Nahum e este meu companheiro é Zahariahu, a ti por preceito divino enviados, ele pera te lembrar os bens e satisfações que recebeste à conta de teus males, e eu pera te consolar neles» (*Consolaçam*, III, 58b).

¹⁵ *Consolaçam*, III, 78b.

¹⁶ Na margem CXXVI. Samuel Usque parece ter desprezado o título que dá o nome de cântico — שיר — a esta admirável composição e a classifica entre os Salmos Graduais, que os peregrinos cantavam a caminho de Jerusalém por ocasião das grandes solenidades. Alguns teriam servido de encorajamento aos cativos no regresso de Babilónia. Ao invés, insinua que o autor do salmo é David, pois, segundo afirma, Icabo lembrar-se-á das «doces cantigas», porque «muitas delas recopilou o filho de Isa».

¹⁷ A tradução comum deste hemistiquio é:

«Quando o Senhor fez (fizer) voltar os cativos a Sião», corrigindo o TM de שִׁבַּת para שְׁבִית. Terá S. Usque relacionado o texto com Is. 52, 2, que traduziu por «assenta-te com descanso» em vez de «cativa» — שְׁבִידָה — e interpretando tudo em função do 1.ª vers.? Ou leu צְבִיאוֹה?

¹⁸ TM diz simplesmente: «pareceu que sonhávamos». Mas a expressão quer dizer muito mais. Exactamente o que S. Usque traduz na sua perífrase, agrupando duas sentenças populares: ficar louco de alegria e sonhar acordado.

¹⁹ «Mas... se descobrir» — longa perífrase para assinalar uma circunstância que o TM reduz a duas letras אָז (então). Segundo o pensamento de Usque, a «verdadeira remissão,

Encheremos nossa boca de riso
e nossa língua de música e alegria ²⁰.
E nas gentes se andará dizendo:
grandes maravilhas fez o Senhor com estes;
e nós assi de certo o confessamos ²¹
que grandes bens nos há feito o Senhor ²²
Com os quais, de descontentes e tristes
dos males que fomos padecendo, ²³
Mui alegres já agora nos tornamos
vitoriosos e cheios de louvor ²⁴
E sem dúvida fará nosso Senhor
restauração ao nosso cativeiro ²⁵
como ele rega o árvore em secura ²⁶
e os que vão com lágrimas semeando
Com prazer segarão por derradeiro; ²⁷
choroso vai o bom sementeiro ²⁸
Mas ele tornará doutra figura ²⁹
trazendo molhos e feixes e cantando.

dar-se-á na terra santa, para onde os judeus da Península começavam «de voltar o rosto e o coração». Lá se verificaria o encontro de todos os filhos de Israel, inclusive as dez tribos de que «era morta a memória». Os mortos ressuscitariam, embora os que tivessem morrido em «hábito» de Cristianismo houvessem de passar pela metempsicose purificadora (cfr *Consolaçam*, I, 40b; III, 49b; 63b).

²⁰ «Música e alegria» — binómio característico de S. Usque, que dele se serve para explicar um termo erudito, dar uma definição, equilibrar a frase ou prolongar o efeito duma sentença. O TM. traz apenas **רָנָה**, da raiz RNN, que Usque traduz por «fazer festa» em *ps.* 54,1, onde o substantivo RINNAH, combinado com o verbo PAYAH (**פָּעַח**) dá a expressão «alegra-te com cantares» (*Consolaçam*, III, 67a). Aqui «música e alegria» poderá estar por «música alegre».

²¹ «E nós..., confessamos» — glosa que introduz a anuência dos Judeus à admiração das gentes.

²² «bens» — o mesmo que *maravilhas* do vers. anterior.

²³ «Com os quais... padecendo» — glosa que alarga o motivo das alegrias de Iacó à história de Israel e que Numeu recorda em oito parágrafos (*Consolaçam*, III, 47b-53b).

²⁴ «Vitoriosos e cheios de louvor» — Uma espécie de vitória, prognóstico da vitória escatológica, consistiria na perspectiva do ocaso da civilização cristã, tido como certo por motivo das inimizades que opunham os países da Europa «irmãos de ãa mesma religião», entre os quais «ãa tão maldita cizanha há nascido» (*Consolaçam*, III, 51b).

²⁵ «Restauração ao cativeiro» — o regresso de todo o Israel à terra santa e o desta a uma imaginária fertilidade («a sua e minha restauração»: *Cons.* III, 41a) onde Israel «se achará descansado ... e com tanta seguridade que não tenha muros nas cidades nem portas em suas casas», e terá «cumprida vingança em todas as gentes» (*Consolaçam*, III 75ab). O TM. diria antes: «Melhora, Senhor, a nossa sorte», relativamente à situação que os repatriados de Babilónia encontraram na sua pátria.

²⁶ «em secura», isto é, no Negeb ou deserto entre a Palestina e o Egipto. A versão exacta, «como as torrentes no Negeb», estabelece a comparação entre a acção de Deus a favor de Israel e a acção das chuvas a favor das pastagens nos estepes do Negeb, a qual é quase instantânea.

²⁷ «e os que...» — S. Usque acomoda um aforismo à condição de sua raça. No TM falta a partícula copulativa.

²⁸ «Bom sementeiro», isto é, o que transporta o saco da semente. A adjectivação envolve de simpatia o trabalho do lavrador.

²⁹ «Doutra figura» vale como antónimo de «choroso». O TM usa pela terceira vez o termo RINNAH, que Usque, para variar, traduz sucessivamente: glória, prazer, doutra figura.

E o coro dos três amigos lá se vai, cantando. S. Usque deseja frisar bem a circunstância, deslocando para o final do verso e do salmo — que é também o do seu livro — o gerúndio *cantando*. O verso saiu-lhe contrafeito, em contraste com a elegância do original hebreu, disposto em perfeito ritmo *quindá* (3 mais 2 acentos), e fazendo incidir o interesse na abundância da colheita:

*na vinda vem-se a cantar,
transportando feixes de espigas.*

Para S. Usque, o importante é o regresso à terra de seus maiores: a guarda avançada dos sefarditas havia chegado à Turquia, e esta viagem era quase uma travessia do Mar Vermelho. A «doce cantiga», que os três iam cantando, quase valia o epínicio de Moisés, que as mulheres hebreias cantavam, bailando ao som do adufe, enquanto as ondas submergiam as hostes do Faraó. O salmista escrevera para o futuro, um futuro que a «experiência» demonstrava haver-se convertido em presente³⁰. O género, porém, não se adaptava lá muito bem à epopeia, pois se trata duma oração expressa na segunda parte e preparada na primeira. S. Usque não atendeu à mudança de pessoa, de tempo, de modo e de ritmo, e deu-nos a afirmação reiterada de que

«sem dúvida fará nosso Senhor
restauração ao nosso cativo».

O pregador traiu o exegeta, e a prece transformou-se em exortação.

O povo de Israel era o mais amante de cânticos e hinos na antiguidade oriental. Muitas vezes, o mais delas, cantava para chorar. Ou então para não chorar: para tornar uma viagem menos penosa e um caminho menos temeroso. Como fizeram meio século antes os judeus que emigravam de Espanha para Portugal³¹.

Confiaria S. Usque no êxito do projecto de José Nassi e acreditaria, sem uma hesitação, nas profecias de I. Abravanel, depois do fracasso das duas primeiras datas (1503 e 1531) :

Talvez venha a propósito notar que a versão usqueana do salmo de que nos vimos ocupando usa oito maiúsculas sem razão aparente na maioria dos casos: QMEECMEEM. Ora somando o valor numérico destes sinais gráficos, obtém-se o número 260, o qual, adicionado a 5313, ano da publicação da *Consolaçam* segundo o calendário hebraico, corresponde exactamente à última data de Abravanel para a manifestação do Messias. Coincidência? De qualquer modo, «já vem cerca o tempo que será edificada a cidade (Jerusalém) ao Senhor³², e, a vinte anos de distância, Usque reinterpreta ao arrebol da luz messiânica as «cantigas» de seu povo e insiste com ele para que, em vez de chorar, cante.

³⁰ «Verdade é que têm alguma ou muita autoridade os que provam com experiência, que somos nós outros os deste tempo» (*Consolaçam*, prólogo).

³¹ El Cura de Palacios, em *Biblioteca de autores españoles*, Tomo 70, 653.

³² *Consolaçam*, III, 72a.

A experiência mostrou que o caminho da Turquia não era ainda o do terceiro exôdo—o definitivo. Mas se falhou o cabalista, não falhou o literato. Traduzindo poesia, conservou o gênero poesia. O ritmo é quase perfeito, e o metro igualmente. O esquema da rima pode inclusivamente adaptar-se a um conceito recente de «salmo de ascensões» — o diagrama de quem, para melhor subir, recua um degrau para melhor fincar os pés: *abcdbacd*.

Por outro lado, a distância dos sons coincidentes limita os efeitos sonoros da rima ao papel discreto que a estética parece exigir ou, ao menos, aconselhar na poesia dos Salmos.

J. MENDES DE CASTRO